

INDUMENTÁRIA FEMININA GAÚCHA COMO REFERÊNCIA PARA UMA COLEÇÃO DE MODA FEMININA¹

GAUCHA FEMININE APPAREL AS REFERENCE FOR A FEMININE FASHION COLLECTION

Juliane Albanio de Souza² e Simone Melo da Rosa³

RESUMO

Neste artigo, é apresentado o desenvolvimento de uma coleção de moda feminina contemporânea com referência na indumentária gaúcha feminina, realizada a partir da análise de seus elementos típicos e técnicas artesanais (bordados e macramês) encontrados na indumentária feminina gaúcha, traje típico da região sul do Brasil. O desenvolvimento de pantalona e pantacourt substituem a saia da indumentária gaúcha feminina, acompanhadas de blusas e casaquinhos, que redesenham os usados a partir de 1820. O projeto e a confecção dessa coleção enfatizam o processo artesanal na intenção de atender o público alvo específico dos apreciadores da indumentária gaúcha feminina, aqueles que valorizam a cultura local, segmento pouco explorado. Para tanto, foi proposto trabalhar a identidade cultural e simbologias de duas personagens do cenário tradicionalista gaúcho, uma do passado e outra atual, Anita Garibaldi (1821-1849) e Shana Müller (1980). Com isso, acredita-se na permanência das técnicas artesanais no campo da moda e na disseminação da cultura local.

Palavras-chave: design de moda, identidade cultural, técnicas artesanais.

ABSTRACT

This article presents the creation of a contemporary feminine fashion collection with reference in the gaucho's feminine apparel, made from the analysis of its typical elements and craft techniques (embroidery and macrame) that are found in the gaucho's feminine apparel, clothes that are typical of the south of Brazil. The creation of pantalona and pantacourt replace the skirt of the gaucho's feminine apparel. It is accompanied by blouses and jackets, which redesign the ones from 1820. The design and the confection of this collection emphasizes the craft process with the intention of complying with the specific target audience that is the people who appreciate the gaucho's feminine apparel, those who value the local culture, segment poorly explored. Therefore, it was proposed to work the cultural identity and symbology of two characters of the traditionalist gaucho's scene, one from the past and other from the present, Anita Garibaldi (1821-1849) and Shana Müller (1980). Thereat, it is believed in the permanence of craft techniques in the fashion area and in the dissemination of the local culture.

Keywords: fashion design, cultural identity, craft techniques.

¹ Trabalho Final de Graduação - TFG.

² Acadêmica do curso de Tecnologia em Design de Moda - Centro Universitário Franciscano. E-mail: juliane.albanio@hotmail.com

³ Orientadora. Docente do Centro Universitário Franciscano. E-mail: simone.rosa@unifra.br

INTRODUÇÃO

No presente artigo, apresenta-se o desenvolvimento de uma coleção de moda feminina contemporânea com referência na indumentária gaúcha feminina. O resgate dessa indumentária está embasado em duas personalidades femininas identificadas na maneira de vestir, além da valorização do processo artesanal. Anita Garibaldi (1821-1849) e Shana Müller (1980), no passado e na atualidade, tiveram, de alguma forma, em épocas diferentes, uma representação considerável para a história e tradição do estado do Rio Grande do Sul. Acredita-se que, atualmente, esteja havendo uma valorização dos processos de produção artesanal no campo da moda nacional e local.

Nesse contexto, em Santa Maria, a especialista em história da arte, Edir Lucia Bisognin, ministra oficinas gratuitas, no espaço Gurias Arteiras⁴, para interessados no artesanato local. Edir trabalha para que as técnicas tradicionais de artesanato se mantenham vivas através das gerações. As técnicas artesanais difundidas por Edir foram utilizadas nessa coleção. Assim, demonstra-se a importância do resgate artesanal, que recupera e valoriza a tradição local e possibilita aplicações dessas técnicas no design de moda contemporâneo.

A catarinense Anita Garibaldi, que, segundo Markun (1999), é uma heroína para a história gaúcha, tornou-se conhecida pela sua força e bravura durante um dos movimentos mais expressivos da história do Rio Grande do Sul, a Guerra dos Farrapos. Suas vestimentas mostravam simplicidade, o que facilitava a mobilidade, já que era uma mulher envolvida no cenário de guerras. Atualmente, a jornalista e cantora Shana Müller complementa este recorte, pois transmite os valores e a cultura gaúcha por meio da música, assim como dissemina as referências da indumentária do estado no Brasil, em geral, por intermédio dos produtos de moda que levam a sua assinatura⁵. As personalidades femininas aqui determinadas são caracterizadas pelo uso dos processos artesanais em suas vestimentas, assim como modelagens amplas e funcionais.

Essas referências permitiram criar uma coleção de moda feminina agradável ao olhar contemporâneo, sem deixar de fazer referência à identidade cultural das personagens. Dessa maneira, projetaram-se roupas para o segmento casual, com elementos inspirados nas indumentárias femininas tradicionais gaúchas. O propósito não é fazer um resgate histórico da indumentária gaúcha feminina, tampouco recriar um traje típico, mas redesenhar e resgatar processos como o artesanato e técnicas tradicionais em alguns elementos típicos selecionados e, assim, agregar valor à moda e exaltar cultura por meio do vestuário, já que a cultura tradicional de boa parte do estado do Rio Grande do Sul tem muito a oferecer à área do design e da moda.

Nota-se a necessidade que mulheres tradicionalistas propriamente gaúchas, sentem de exaltar sua cultura no dia a dia. Portanto, o mercado destinado a esse segmento e a esse tipo de produto vem

⁴Cooperativa de artesãs localizada na Avenida Dores n° 51, Santa Maria, RS.

⁵Disponível em: <<http://estilosantafe.com.br/15-shana-muller-original>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

ganhando espaço, trazendo novas tendências socioculturais e estéticas. Ao mesmo tempo, entende-se que a cultura gaúcha pode contribuir para a moda nacional e servir de inspiração para os designers, uma vez que é dotada de histórias, memórias, lendas e simbologias, além de uma estética diferenciada.

A moda não se encontra restrita ao campo do vestuário, ela é um dispositivo social e cultural que produz e orienta o comportamento como fenômeno humano que se faz presente na sua interação com o mundo. Diante disso, a coleção foi criada sob a ótica cultural.

INDUMENTÁRIA GAÚCHA FEMININA E A MODA

A INDUMENTÁRIA GAÚCHA FEMININA

A indumentária tradicional gaúcha passou por várias transformações desde o seu início. Hoje, a maioria das pilchas possui mais detalhes e variedade em aviamentos do que os primeiros trajes. Todo esse processo se deve à chegada dos jesuítas e, posteriormente, à catequização dos índios pelos missionários. Zattera (2003, p. 18) relata que “os espanhóis e açorianos delinearão novas linhas no vestir dos índios, utilizando e ensinando o fazer dos teares e das fiações caseiras”. A autora classifica a indumentária gaúcha em primeira época (1730 até 1820), segunda época (1820 até 1865), terceira época (1865 até 1950) e quarta época (1950 até os dias atuais). Para este estudo, foram consideradas como referência criativa a terceira e quarta épocas, tendo em vista que foi a partir de 1865 que ocorreram as primeiras grandes transformações na indumentária gaúcha, com influências da modernização.

Os bens e valores que constroem a cultura de uma sociedade caracterizam a identidade das pessoas por meio de coordenadas cronológicas. Para Bomfim (1999), uma das manifestações de maior expressividade de uma sociedade é a atividade artística, que conduz à memória e à identidade. Lima (2009), quando se refere ao artesanato, afirma que ele representa a identidade de um povo e pode demonstrar características únicas que cada povo tem em memória.

A evolução da indumentária gaúcha está fundamentada em Zattera (2003), que organiza esse processo histórico em épocas, sendo elas: primeira época (1730 até 1820); segunda época (1820 até 1865); terceira época, “o novo gaúcho” (1865 até 1950); quarta época, “o gaúcho tradicionalista” (1950 até os dias atuais). O foco para o desenvolvimento deste projeto se deu a partir de 1865 (terceira época), quando Zattera (2003) define os traços do “novo gaúcho” e, posteriormente, do “gaúcho tradicionalista”.

A terceira época, “o novo gaúcho”, é considerada por Zattera (2003, p. 125) como um período de transformação em que “as influências da modernização transmitem significativas mudanças na vida do gaúcho”. Para descrever esse período, a autora cita uma pesquisa feita pelo folclorista gaúcho Paixão Côrtes, junto aos descendentes. Para realizar essa pesquisa, Côrtes recolheu vestes do final do século passado guardadas em baús. Os trajes encontrados pertenciam a homens e mulheres do interior agro-pastoril. A seguir, a autora descreve as peças encontradas e catalogadas pelo pesquisador Paixão Côrtes.

A véstia (casaquinho feminino), a saia longa de quatro panos, o casaquinho, o vestido, a bata, os calçados fechados e as meias escuras, o fraque para cavalgar, o roupão para proteger as pernas ao cavalgar, o saiote, a capa, o chapéu, o fichu, a cesta (usada como bolsa), os pentes, as travessas e os broches (ZATTERA, 2003, p. 133).

Acredita-se que as vestimentas encontradas por Paixão Côrtes pertençam à segunda época descrita por Zattera (2003), período em que se percebe a evolução da indumentária tradicional feminina gaúcha. De acordo com a autora, o terceiro período inicia em 1865, porém, a partir da colonização italiana, em 1875, na serra gaúcha, ocorreram interferências na maneira de vestir no Rio Grande do Sul. Foram os italianos que introduziram na cultura do estado elementos como a criação do bicho da seda, a tecelagem de linho, os bordados, o traçar da palha de trigo, a prataria e as rendas, que até hoje são identificadas como uma arte popular do estado. No terceiro período, a indumentária gaúcha passa por transformações e absorve as influências da modernização com a colonização italiana. Nesse contexto, inicia-se o uso de rendas e bordados.

A vestimenta feminina europeia torna-se moda em 1900. As gaúchas vestem-se com mais ou menos luxo de acordo com a sua condição e poder aquisitivo. O traje não é mais usado todos os dias, há um número maior de peças e são adornadas com rendas importadas, seda e veludo. Mas as lãs e os algodões mais simples ainda aparecem. A “moda citadina feminina gaúcha”, como cita Zattera (2003), passa a seguir a moda internacional. Nos anos 1920, a saia da vestimenta gaúcha fica mais curta, acompanhando o estilo melindrosa. A mulher campeira, no início do século, continua usando duas peças da época anterior, a saia e a bata ou casaquinho. As saias não têm mais os babados, e a amplitão da armação diminui. Para os encontros sociais, são usadas saia xadrez e blusa de renda (Figura 1).

Figura 1 - Terceira época - classificação da indumentária gaúcha.



Fonte: Zattera (2003, p. 146).

A partir de 1865, o traje feminino passou a se caracterizar pelas saias com casaquinhos, decorados com discretas rendas e enfeites. As saias eram mais curtas, e as pernas cobertas com meias para sair em público. As mulheres solteiras usavam cabelo solto ou trançado, já as casadas usavam coque. Os sapatos eram fechados e discretos. Como joias, apenas um camafeu ou broche. No pescoço, muitas vezes, usavam um triângulo de seda ou crochê, com as pontas fechados por um broche. Esse traje era usado tanto pelas mulheres ricas como pelas menos abastadas da época (FAGUNDES, 1985).

A partir da quarta época (1950 até os dias de hoje) citada por Zattera (2003), ocorrem mudanças significativas no Rio Grande do Sul, não apenas nos aspectos econômicos e sociais de modo geral, mas também nos costumes e no folclore. Para a autora, a intensificação das telecomunicações tornou a moda universal (Figura 2).

Figura 2 - Quarta época - classificação da indumentária gaúcha.



Fonte: Zattera (2003, p. 164).

No século XX, acordo com Zattera (2003), surgem os Centros de Tradições Gaúchas⁶ - CTGs - que têm o objetivo de mostrar a cultura gaúcha e perpetuá-la com maior precisão por meio da musicalidade e da sociabilidade. As danças, as poesias, os cantos e as falas, o hábito do chimarrão, a lida do campo, os rodeios e, principalmente, os trajes passam a ser estudados, o que resgata a história do gaúcho. Segundo a autora, até então as mulheres gaúchas seguiam a moda francesa como qualquer mulher do mundo civilizado. No entanto, a partir do *Movimento Tradicionalista Gaúcho* e de suas regras, as mulheres passam a se vestir de “prenda”. De acordo com Zattera (2003), a mulher

usa vestido de prenda com saia rodada e com babados, ambos de tecido de algodão, com estampado miúdo, de “broderie” ou de tecido de cor lisa. O corpo justo é fechado no pescoço, levando enfeites em renda ou do mesmo tecido do vestido. As mangas $\frac{3}{4}$, bufantes ou não,

⁶ É a sigla de Centro de Tradições Gaúchas, que são sociedades sem fins lucrativos que visam divulgar a cultura gaúcha, promovendo a integração dos participantes por meio de dança, esportes, atividades campeiras, rodas de chimarrão e churrasco feito no fogo de chão.

vão até o cotovelo e babados são o acabamento. Quando não leva babados no corpo, carrega um fichu em renda crochê preso pelo broche. Meias brancas, bombachinhas e sapatos pretos. Xale de lã em renda crochê é o agasalho. Os cabelos presos ou soltos levam uma flor, e nas orelhas, os brincos balançantes (ZATTERA, 2003, p. 164).

Mesmo com o passar do tempo, alguns materiais, como a lã e o algodão, mantiveram-se presentes na indumentária gaúcha. Já as saias ficaram mais rodadas, trabalhadas com babados, sobreposições de tecidos e combinações de cores e estampas. Para adornar os vestidos (ou duas peças), aumentou o uso de aviamentos, como o *broderie*, a passamanaria e as aplicações de rendas. Os bordados manuais ganharam espaço para adornar os vestidos, produzidos artesanalmente e sob encomenda.

AS VESTIMENTAS DE ANITA GARIBALDI E SHANA MÜLLER

O campo do design de moda cria produtos e ambientes que, mesmo sendo construídos a partir de estruturas lógicas e objetivas, são compostos por fortes cargas simbólicas e subjetivas. Dessa forma, observa-se que os objetos de moda tendem a se expandir para além das relações corporais, chegando às espaciais, informacionais e comunicativas. Castilho e Martins (2009) destacam que a moda recebe o estatuto de linguagem, pois produz um discurso a partir de particularidades que são verificadas dentro do contexto de ritos e técnicas, costumes e significados que distinguem uma civilização, um grupo social ou um indivíduo de outro, sem depender da temporalidade. Nos anos de 1960, Roland Barthes fez reflexões sobre a simbologia das roupas, analisou a possível existência de um código específico do vestuário, o qual, para ele, tinha a função primordial da significação tanto semiótica como especificamente social. De acordo com Barthes (2009), a roupa pode ser compreendida como uma forma de texto, narrativa ou discurso, que tem funcionamento próprio, contudo associada à época e local que está inserida.

Até o século XIX, a mulher era considerada um objeto, sem direitos sociais, diferentemente dos homens, que tinham maior valor na sociedade. Ximenes (2011) relata que, a partir da metade do século seguinte, timidamente, a mulher questiona a superioridade masculina na sociedade. Desde então, as conquistas femininas foram se intensificando do ponto de vista da liberdade sexual até as questões profissionais.

Desde 1975, o dia oito de março é comemorado pelas Nações Unidas como o Dia Internacional da Mulher e marca a emancipação feminina. A partir da transição do século XX para o século XXI, houve maior reflexão em relação aos direitos da mulher e a sua inclusão no mercado de trabalho. Todo o engajamento que as operárias têxteis da fábrica de Nova Iorque tiveram no ano de 1857 destacou a força, a determinação e a coragem da mulher. Em analogia, destacam-se aqui os valores na mulher gaúcha, como *corpus* da pesquisa. Sob o ponto de vista da semiótica⁷, destacam-se duas

⁷A semiótica tem origem na raiz grega “*semeion*”, que representa signo. Essa ciência estuda os signos e investiga os modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de significação e sentido (SANTAELLA; NÖTH, 2012).

personalidades que têm relevância para o contexto do Rio Grande do Sul, a heroína catarinense Anita Garibaldi (Figura 3) e a jornalista e cantora Shana Müller (Figura 4), de forma a despertar os sentimentos do público alvo e produzir uma linguagem com significados.

Figura 3 - Anita Garibaldi, óleo sobre cartão, Johann Moritz Rugendas, 1846-48.



Fonte: <www2.uol.com.br/historiaviva/noticias/anita_garibaldi_heroina_da_patria.html>. Acesso em: 22 set. 2015.

Figura 4 - Jornalista e cantora Shana Müller, divulgação de espetáculos de 2014.



Fonte: <eutenhovisto.com/soledad-e-shana-muller-realizam-espetaculo-em-porto-alegre/>. Acesso em: 22 set. 2015.

Considerando que o signo é uma coisa que representa outra coisa, ou seja, o seu objeto, ele só funciona como signo⁸ quando sustenta esse poder de representar. Nesse contexto, Anita Garibaldi e Shana Müller, dentro do cenário econômico político cultural do Rio Grande do Sul, são elementos que têm significado, signos. Anita Garibaldi, ao tornar-se uma combatente da Guerra dos Farrapos (1835-1845), representa a determinação e a bravura da mulher. A cantora e jornalista Shana Müller teve destaque como a primeira mulher a apresentar o programa *Galpão Crioulo*, ao lado de Neto Fagundes, antes ancorado apenas por homens. Além disso, Shana está inserida dentro do cenário de moda gaúcha com a sua marca. As peças que levam a sua assinatura têm referências da cultura gaúcha e mantêm o tradicionalismo do modo de vestir.

Nesse contexto, resgataram-se as personalidades Anita Garibaldi e Shana Müller em épocas distintas. Para Rosa (2006), a moda é carregada de conceitos, conteúdos e contextos expressivos que simbolizam diferentes épocas da história. Anita está inserida no cenário do século XIX, segunda época descrita por Zattera (2003), quando a mulher estancieira usava modelagem mais ampla, priorizando a mobilidade. A minissérie brasileira *A Casa das Sete Mulheres*, exibida pela Rede Globo de sete de janeiro a oito de abril de 2003, traz à tona a perspectiva de vida de sete mulheres da família do líder dos farrapos, Bento Gonçalves, dentro do cenário gaúcho dos anos de 1835, período em que ocorre a revolução. Para criar o figurino de Anita, interpretada por Giovanna Antonelli, Marília Carneiro (figurinista) baseou-se em quadros do pintor francês Toulouse-Lautrec e nas vestimentas dos peões gaúchos, já que a iconografia sobre Anita Garibaldi é pequena. Assim, é possível identificar representações das vestimentas de Anita, as cores e a valorização dos adornos artesanais das vestimentas que caracterizam a personagem na minissérie *A Casa das Sete Mulheres* (Figura 5).

Figura 5 - Figurino da minissérie *A Casa das Sete Mulheres*.



Fonte: <<https://goo.gl/CGPN9W>>. Acesso em: 23 set. 2015.

⁸ Com referência nos estudos do filósofo estadunidense Charles de Peirce (1834-1914), Santaella (2012, p. 90) define signo como: “Um signo intenta representar, em parte pelo menos, um objeto que é, portanto, num certo sentido, a causa ou determinante do signo, mesmo se o signo representar seu objeto falsamente. Mas dizer que ele representa seu objeto implica que ele afete uma mente, de tal modo que, de certa maneira, determine naquela mente algo que é mediamente devido ao objeto. Essa determinação da qual a causa imediata ou determinante é o signo, e da qual a causa imediata é o objeto, pode ser chamada de Interpretante.

Fazendo referência ao século XX, em que Shana Müller está contextualmente inserida, a personalidade prioriza nas peças que levam a sua assinatura os detalhes tradicionais da indumentária feminina gaúcha. Essas características podem ser associadas à visão de Barthes (2009), quando comenta que a roupa pode ser compreendida como uma narrativa. As padronagens florais e geométricas, usadas nas peças da marca de Shana Müller, são associadas às simbologias identificadas como estereótipo da cultura gaúcha, que provoca um discurso que representa uma identificação em relação à significação das vestimentas.

Os signos icônicos das duas personalidades elencadas são aqui observados sob a perspectiva semântica que, para Bürdeke e Van Camp (2006, p. 235), trata da “ligação dos signos com os objetos, ou seja, seu significado”. Esses autores referem-se a Charles William Morris (1901-1979), que determinou o comportamento dos signos e diferenciou três dimensões semióticas (sintática, semântica e pragmática). Neste estudo, na análise semiótica das duas personalidades, sob o ponto de vista semântico, a simbologia de praticidade e conforto, presente na vestimenta de Anita Garibaldi, foi utilizada como referência no desenvolvimento da modelagem da coleção. Já as imagens florais e geométricas, que resgatam o estereótipo da cultura gaúcha, foram utilizadas nas padronagens artesanais da coleção. Desse modo, a relação signo/produto, no que diz respeito à coleção de moda constrói um objeto poético⁹, já que, ao mesmo tempo em que a roupa serve para cobrir o corpo, ela carrega valores que são subjetivos ao indivíduo.

Este estudo articula aspectos formais com propriedades associativas, que constituem os aspectos simbólicos. Dessa forma, a coleção de moda tem significados conotativos que estabelecem comunicação entre objeto e indivíduo, na criação do vestuário. Nesse contexto, a vestimenta também é vista como um objeto poético, com símbolos icônicos e plásticos (aspectos formais). A vestimenta, sob essa perspectiva, tem um sentido conotativo carregado de significados adicionais - emocionais ou expressivos.

Os aspectos emocionais e expressivos, resgatados nas vestimentas das personalidades femininas, têm uma função secundária, de acordo com a classificação de Löbach (2001), que classifica as funções dos produtos de design em principal e secundária. O autor classifica as funções dos produtos industriais em prática, estética e simbólica. A função prática representa todos os aspectos fisiológicos de usabilidade do produto e atende às necessidades, como a modelagem, o conforto e a ergonomia; está associada à conotação de praticidade e conforto. Já a função estética corresponde à relação dos processos sensoriais entre o produto e o usuário, ou seja, a capacidade de sensibilizar os sentidos humanos (relação semântica); os elementos de signos plásticos (cor, forma, textura, entre outros) se relacionam de forma harmoniosa e cumprem a função de chamar a atenção e seduzir o usuário. A fun-

⁹A moda, segundo Barthes (2009), apresenta um discurso com linguagem possível de construção de objetos poéticos por meio da roupa. “Pode-se esperar do vestuário que ele constitua um excelente objeto poético. Primeiramente, porque ele mobiliza com muita variedade todas as qualidades da matéria - substância, forma, cor, tutilidade, movimento, apresentação, luminosidade; e depois porque, em contato com o corpo e funcionando ao mesmo tempo como seu substituto e sua cobertura, é ele, certamente, objeto de um investimento muito importante” (BARTHES, 2009, p. 87).

ção simbólica está relacionada aos aspectos emocionais na relação de memória com a cultura gaúcha, estabelecendo experiências subjetivas.

A roupa, no contexto da moda, carrega em si um universo de valores, os quais estão distantes da função primária/prática do vestir. A partir disso, Castilho e Martins (2005, p. 52) afirmam que, “no caso da moda, seus textos/objetos - roupas passam pelo crivo de leituras que extrapolam a sua funcionalidade e adentram as questões de sua valoração subjetiva”. A subjetividade aqui proposta relaciona-se às simbologias que o produto da coleção de moda cria em relação ao usuário, construindo um objeto poético em que, ao mesmo tempo que as vestimentas servem para cobrir e adornar o corpo, elas constroem significações culturais.

Tendo em vista que o desenvolvimento deste projeto de moda foi construído a partir da significação das vestimentas de duas personalidades, Anita Garibaldi e Shana Müller, fez-se necessário um aprofundamento sobre o artesanato cultural e técnicas presentes nas vestimentas das personagens.

Na confecção de uma renda, um macramê ou um bordado, está embutida a tradição e os costumes dos indivíduos que fazem parte de um grupo social, neste caso, os artesãos. Da mesma forma que o artesanato é visto como um bem patrimonial, ao tornar-se uma prática popular, constrói a identidade cultural própria de um grupo social, que a guarda na memória. Borges (2011) observa o artesanato como um bem inestimável de um povo e que não pode ser perdido, tampouco congelado no tempo. Para a autora, o designer entra nesse processo cultural, de uma forma respeitosa, com o papel de transformação. A partir disso, não se pode limitar sua ação apenas ao contexto industrial, mas deve-se considerar que o campo de atuação do designer tem se ampliado nas últimas décadas e adentrou nas artes, no artesanato e na cultura. Com isso, ocorre a promoção de produtos com apelo estético simbólico, em que técnicas e processos de tradição artesanal são resgatados.

No cenário local, a tradição do fazer artesanal foi percebida na cidade de Santa Maria e demonstrada na publicação de Cantarelli, Bisognin e Lisbôa (2016), em que a renda frivolité é tida como tema inspirador para o desenvolvimento de uma coleção de joias. Por meio da pesquisa de campo, o estudo comprovou que poucas artesãs santa-marienses ainda se dedicam ao desenvolvimento dessas práticas. As aplicações dessas técnicas artesanais têm sido muito recorrentes no campo de design de moda. Estilistas do mundo inteiro empregam o *hand made*, termo traduzido para o português como “feito à mão”. Os processos artesanais valorizam a confecção das peças, agregam valor e exclusividade, já que demandam mais tempo e dedicação para serem feitos, e assim dificultam a cópia.

DESENVOLVIMENTO DA COLEÇÃO DE MODA

Para esta coleção de moda, a macroestrutura da metodologia projetual foi baseada em Löbach (2001) e complementada com outros autores, sendo composta pelas quatro principais

fases: análises e estudos de referências; geração de alternativas; avaliação de alternativas; fase de realização. Para este estudo, o problema é definido como o desenvolvimento de uma coleção de moda feminina contemporânea, que faz referência à identidade cultural das personagens Anita Garibaldi e Shana Müller, destacadas na temática desta coleção de moda, por meio do uso de elementos típicos inspirados nas indumentárias femininas tradicionais gaúchas.

ANÁLISE SINCRÔNICA

Para a compreensão do mercado, é necessário fazer uma análise sincrônica, de acordo com os critérios de Bonsiepe, Keller e Poessnecker (1984), em que se realizou uma observação dos produtos ofertados no mercado local, para que fosse possível fazer uma comparação dos pontos comuns de referência. Porém, como não existe um mercado local e regional que contemple a moda contemporânea com referência na indumentária feminina gaúcha, optou-se por realizar uma busca em lojas especializadas em indumentária gaúcha feminina de Santa Maria - RS. Como critério para seleção das peças, observou-se a possibilidade de seu uso no dia a dia, não só como indumentária.

As referências de materiais encontradas no mercado não foram extensas. Percebeu-se que os tecidos mais encontrados nas peças são algodão, poliéster, viscose, sarja e suede. As rendas industriais encontradas foram as de poliéster, com uma característica mais simples e o *guipir* (renda mais nobre feita a partir da poliamida). Os bordados são todos feitos por máquinas e ou aplicações termocolantes, encontradas em armarinhos. Com isso, verificou-se que, em sua maioria, as peças desse comércio não apresentaram processos e técnicas artesanais.

Embora na indumentária feminina gaúcha o resgate artesanal não esteja tão presente atualmente, as peças comercializadas fazem referência à cultura do “artesanal”, mesmo com a simulação dos processos artesanais, por meio industrial. Com o intuito de valorizar o “feito à mão”, nesta coleção, optou-se por usar a renda, o bordado e o macramê artesanais, que fortalecem a identificação dos processos e técnicas artesanais, os quais se vinculam com a proposta desta coleção de moda.

Outro aspecto destacado a partir da análise sincrônica foi a estética geral das peças, que se caracterizam por apresentarem cintura marcada, uso de faixas estampadas (geométricas ou florais), amplitude das saias e uso de renda. Esses aspectos foram essenciais na identificação das peças desta coleção com a indumentária feminina gaúcha.

ANÁLISE DA FUNÇÃO DO PRODUTO

O ponto de vista das funções de um produto em relação ao usuário, ou seja, o uso do produto e a possibilidade de satisfação de certas necessidades está vinculado às características técnicas e funcionais, observada por meio das qualidades do produto. As funções de um produto, segundo Löbach

(2001), podem ser divididas em função principal e funções secundárias. Para o autor, a função principal de um produto sempre está acompanhada de outras funções secundárias. A função principal faz a relação das necessidades fisiológicas do usuário com o produto. Desse modo, a modelagem do produto desta coleção de moda atende à função principal de Löbach (2001), o vestir, aqui apresentado em dois sentidos: prevenir uma exposição ao frio; possibilitar mobilidade e conforto às usuárias. As calças no estilo pantalone e pantacourt, presentes nesta coleção, são leves e proporcionam mobilidade para quem a veste, além da praticidade.

As funções secundárias estão relacionadas à percepção estética e simbólica do usuário com o produto. De acordo com Löbach (2001), a função estética corresponde à relação dos processos sensoriais entre o produto e o usuário, ou seja, a capacidade de sensibilizar os sentidos humanos. Os elementos estéticos desta coleção, as cores, as texturas dos tecidos e os ornamentos (rendas, bordados e macramê), cumprem a função de chamar a atenção e seduzir o público alvo. A função simbólica, que, para o autor, está associada aos aspectos espirituais psíquicos e sociais ao uso do produto, estabelece ligações com suas experiências e sensações anteriores. As simbologias desta coleção de moda estão aliadas à criação de um “produto poético”, que tem valores subjetivos para as usuárias. As padronagens florais e geométricas presentes nesta coleção utilizam processos artesanais para o seu desenvolvimento por meio do bordado, da renda e do macramê. A visualidade das peças desenvolvidas a partir da criação manual dos desenhos florais e geométricos pretende resgatar o estereótipo da cultura gaúcha. A identificação cultural em relação à significação das vestimentas para a usuária resulta em significados conotativos que provocam um discurso com o produto.

Nessa perspectiva, esta coleção de moda é vista como um objeto poético, em que a roupa tem um sentido conotativo carregado de significados adicionais - emocionais ou expressivos para a usuária. Nesse contexto, esta coleção de moda se propõe a atender às funções primárias e secundárias, descritas por Löbach (2001), quando desenvolve peças que vestem e aquecem com mobilidade e conforto; representam a indumentária feminina gaúcha e significam um produto de moda contemporânea, que resgata a cultura gaúcha.

ANÁLISE DAS CONFIGURAÇÕES DAS INDUMENTÁRIAS

Por meio da análise das configurações da indumentária feminina gaúcha, pode-se observar que suas modelagens não apresentam muitas variantes. A modelagem das peças é semelhante, o que as diferencia são os tecidos usados e os detalhes. A saia no estilo crioula tem uma modelagem mais solta, característica da indumentária gaúcha. Com o intuito de manter a modelagem tradicional, para esta coleção de moda, projetaram-se calças nos estilos pantalone e pantacourt. O casaquinho tradi-

cional da indumentária feminina gaúcha, de acordo com a classificação histórica da indumentária, citada por Zattera (2003), foi desmembrado em casacos, coletes, nos quais se deu atenção à cintura marcada, ao acabamento bordado e à presença do cinto bordado, em referência às faixas. As camisas e blusas desta coleção têm uma modelagem clássica, com dois tipos de mangas, com ou sem pregas, enfeitadas com rendas e/ou bordados manuais. O tradicional capote ou capa da indumentária feminina gaúcha foi redesenhado nesta coleção com aspectos contemporâneos.

ANÁLISE DOS MATERIAIS

As análises aqui apresentadas permitiram compor a proposta desta coleção de moda, a partir de tecidos e fios de qualidade, como a lã, o suede e a viscose. Os três materiais têxteis trazem significado para esta coleção, já que a lã remete à estação do inverno, bastante intensa no estado; o suede traz características que se assemelham ao couro, um material que denota a rusticidade; e a viscose, que proporciona leveza e feminilidade às peças desenvolvidas. Para os processos e técnicas artesanais, elencados para o desenvolvimento das rendas, bordados e macramês, foram utilizados fios 100% algodão. O desenho dos bordados e macramês teve criação própria, o que ratifica o caráter exclusivo.

ESTUDOS DE REFERÊNCIAS

As personagens Anita Garibaldi e Shana Müller, enquanto sujeitos sociais, representam a busca pela autonomia e o posicionamento da mulher gaúcha no cenário atual. As mudanças no posicionamento das funções consideradas femininas ocorrem com a entrada das mulheres no mercado de trabalho. Esse ingresso, de acordo com Bourdieu (1997, p. 37), “permitiu, porém, que os princípios de visão e de divisão tradicionais fossem permanentemente submetidos à contestação, levando a questionamentos e a revisões parciais da distribuição entre atributos e atribuições”.

Por meio dessas mudanças, a imagem da mulher passa por processos de ressignificação, em que elas começam a atuar em várias esferas sociais, obtendo postos de liderança. Tanto Anita Garibaldi como Shana Müller fazem parte dessa construção simbólica. Anita Garibaldi é conhecida historicamente pela sua participação na Revolução Farroupilha em 1837, quando aprende a manusear armas de fogo e a lutar com espada e participa dos confrontos da revolução ao lado de seu companheiro Giuseppe Garibaldi. Já Shana Müller, em um contexto atual, além de jornalista e radialista, participou de diversos festivais, passando a ser considerada uma das grandes revelações da música regional gaúcha. Em setembro de 2012, subiu aos palcos do programa Galpão Crioulo, transmitido pela RBS TV, ao lado de Neto Fagundes, como primeira apresentadora mulher.

GERAÇÃO DE ALTERNATIVAS

A partir dos aspectos sobre gênero, anteriormente referidos, as personagens elencadas neste estudo, Anita Garibaldi e Shana Müller, enquanto sujeitos sociais, representam a busca pela autonomia e pelo posicionamento da mulher gaúcha. Com isso, o conceito se estabelece com a intenção de se referir à emancipação feminina, trazida aqui por meio das duas personalidades, tidas com uma possibilidade de identificação da indumentária feminina gaúcha.

Esta coleção de design de moda tem uma carga cultural fortalecida por meio dos processos artesanais das rendas, dos bordados e macramês, convertidos como meio de comunicação das simbologias inerentes à indumentária feminina gaúcha, tidas como estereótipos de identificação. Assim, desenvolveu-se uma coleção de moda contemporânea, com referência na indumentária feminina gaúcha (Figuras 6, 7 e 8), priorizando a função primária do vestir e aquecer o corpo, adequado ao clima frio, característico do estado do Rio Grande do Sul. A mobilidade e o conforto, outra função primária, foi evidenciada na modelagem desta coleção, por meio de referências das vestimentas de Anita Garibaldi.

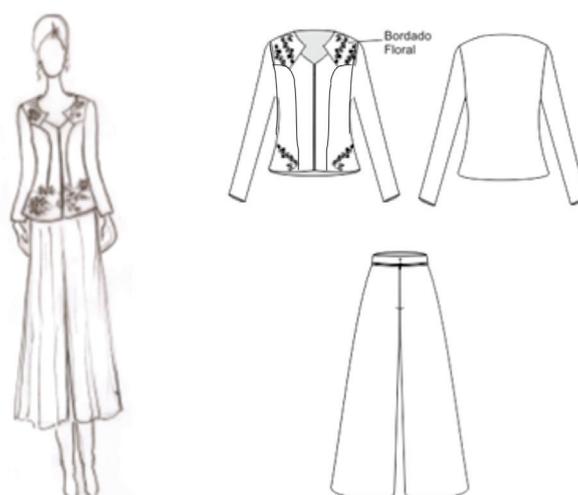
Em relação às funções secundárias, estéticas e simbólicas, destacaram-se os detalhes tradicionais, como as padronagens florais e geométricas, da indumentária que Shana Müller usa nas peças de vestuário que levam a sua assinatura. Essas simbologias constroem um discurso que representa uma identificação com a indumentária feminina gaúcha. A figura 6 mostra duas peças da coleção que fazem referência à cultura do “artesanal”. A aplicação em renda frivolidé é uma das técnicas que a especialista em história da arte Edir Lucia Bisognin ensina na cidade de Santa Maria - RS. Nas figuras 7 e 8, os bordados floral e geométrico foram escolhidos a partir da identificação com o conceito desta coleção de moda. A flor escolhida para o bordado manual foi o brinco de princesa. Já a padronagem geométrica, assim como a floral, são simbologias que resgatam o estereótipo da cultura gaúcha.

Figura 6 - Blusa com aplicação de renda manual frivolidé e calça pantalonas.



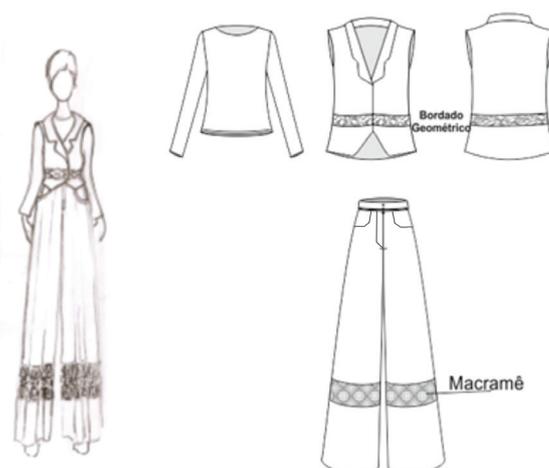
Fonte: elaborado pela autora.

Figura 7 - Casquinho com aplicação de bordado manual e pantacourt.



Fonte: elaborado pela autora.

Figura 8 - Processos artesanais para agregar valor às peças.



Fonte: elaborado pela autora.

A modelagem das peças e os elementos formais, como as cores, as texturas dos tecidos e os ornamentos vinculam-se às características da indumentária gaúcha. As calças com a modelagem mais solta (pantalona e pantacout) remetem às tradicionais saias crioulas. Os casacos e coletes da coleção são mais ajustados à cintura (Figura 7 e 8), mantêm a ideia dos primeiros casaquinhos citados por Zattera (2003).

Com isso, criou-se uma coleção de moda feminina contemporânea, que pretendeu fortalecer a cultura gaúcha por meio da referência na modelagem da indumentária feminina gaúcha e do uso dos processos artesanais (rendas, bordados e macramês), que podem ser compreendidos como meio de comunicação das suas simbologias inerentes à indumentária feminina gaúcha, tidas como estereótipos de identificação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, buscou-se o desenvolvimento de uma coleção de moda contemporânea, direcionada ao público feminino local, utilizando características, elementos típicos e técnicas tradicionais do artesanato encontrados na indumentária da região sul do Brasil, trabalhando a identidade cultural e simbologias das personagens Anita Garibaldi e Shana Müller. Considerou-se a necessidade que mulheres tradicionalistas gaúchas sentem de exaltar sua cultura no dia a dia. Acredita-se que o mercado destinado a esse segmento e a esse tipo de produto vem ganhando espaço e traz novas tendências socioculturais e estéticas. A partir desse pensamento, entende-se que a cultura gaúcha pode também contribuir para a moda nacional e servir de inspiração para outras criações.

A fundamentação teórica foi dividida em aspectos históricos e técnicos. Essa contextualização permitiu o desenvolvimento de uma apreciação semântica do vestuário das personalidades femininas escolhidas, a catarinense Anita Garibaldi e a gaúcha Shana Müller, tidas como referência para o estado do Rio Grande do Sul. Os aspectos técnicos, na preparação para o desenvolvimento do produto, encerram a fundamentação com a criação de um produto de moda que resgata o artesanato local, não apenas enquanto processo, mas como característica de ‘agregar valor’ à roupa. Assim, por meio da possível identificação cultural das peças desta coleção de moda feminina com o estado do Rio Grande do Sul e com as personalidades Anita Garibaldi e Shana Müller viabiliza-se a entrada no mercado da moda local e futuramente regional.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Sistema da moda**. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. Coleção Roland Barthes.

BOMFIM, Gustavo Amarante. Coordenadas cronológicas e cosmológicas como espaço das transformações formais. In: COUTO, Rita Maria de Souza; OLIVEIRA, Alfredo Jefersson (Org.). **Formas do Design**. Por uma metodologia interdisciplinar. Rio de Janeiro: 2AB, 1999. Série Design.

BONSIEPE, Gui; KELLNER, Petra; POESSNECKER, Holger. **Metodologia experimental: desenho industrial**. Brasília: CNPq, 1984.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Oeiras: Celta Editora, 1997.

BORGES, Adélia. **Design + artesanato**: o caminho brasileiro. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

BÜRDEK, Bernhard E.; VAN CAMP, Freddy. **Design**: história, teoria e prática do design de produtos. São Paulo: Edgard Blücher, 2006.

CANTARELLI, Liana Garcia; BISOGNIN, Edir Lucia; LISBÔA, Maria da Graça Portella. Renda *frivolité* como tema inspirador para o desenvolvimento de uma coleção de joias. **Disciplinarum Scientia. Série: Naturais e Tecnológicas**, Santa Maria, v. 17, n. 1, p. 171-182, 2016.

CASTILHO, K.; MARTINS, M. M. **Discursos da Moda**: semiótica, design e corpo. 2. ed. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005. 112p.

CASTILHO, K.; MARTINS, M. M. **A sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Elfos; Lisboa: Edições 70, 2009.

CORDONI, Adílio. **Anita Garibaldi**: a guerreira das repúblicas. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1999.

FAGUNDES, Antônio Augusto. **Indumentária Gaúcha**. 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

LIMA, Ricardo Gomes. Arte Popular e Artesanato: falamos da mesma coisa? **Ciências Humanas em Rev. Seropédica**, v. 31, n. 1, p. 99-111, 2009.

LÖBACH, Bernard. **Design Industrial**: bases para a configuração dos produtos industriais. Tradução: Freddy Van Camp. São Paulo, SP: Edgar Blücher, 2001.

MARKUN, Paula. **Anita Garibaldi**: uma heroína brasileira. São Paulo: SENAC, 1999.

ROSA, L. Compreensão dos Contornos do Corpo para Desenvolver Produtos de Moda. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 7, 2006, Paraná. **Anais...** Paraná: Universidade Federal do Paraná, 2006, 12 p. CD-ROM.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras Ltda, 2012.

XIMENES, Maria Alice. **Moda e arte na reinvenção do corpo feminino do século XIX**. São Paulo: Estação das Letras e Cores; Rio de Janeiro: Senac Rio, 2011.

ZATTERA, Vera Beatriz Stedile. **Gaúcho, vestuário tradicional e costumes**. Porto Alegre: Pallotti, 2003.